

# A CRISE DE PERCEÇÃO DA REALIDADE

Antônio Sales Rios Neto\*  
[www.antoniosales.blogspot.com](http://www.antoniosales.blogspot.com)

*“Uma cultura é, para os membros da comunidade que a vivem, um âmbito de verdades evidentes que não requerem justificação e cujo fundamento não se vê nem se investiga, a menos que, no devir dessa comunidade, surja um conflito cultural que leve a tal reflexão. Esta última é a nossa situação atual.”*  
Humberto Maturana

Este texto propõe-se a refletir um pouco sobre a história da relação entre ciência e cultura, e assim tentar lançar um novo referencial para entendermos melhor a crise socioambiental que tem marcado a época atual, que na verdade é parte de uma crise maior e mais profunda. Ou, o que um número crescente de renomados cientistas chamam de crise de percepção. O biólogo e antropólogo Gregory Bateson disse: “A fonte de todos os problemas de hoje é o hiato entre como pensamos e como a natureza funciona”. De fato, é o que as grandes revoluções científicas do último século estão demonstrando: que estamos vivendo no paradigma errado.

Esse tal paradigma teve início quando, não se sabe bem o porquê, a cultura patriarcal (favor não confundir com machismo) se instalou há aproximadamente sete mil anos entre os povos indo-europeus, segundo estudos arqueológicos (Riane Eisler e Marija Gimbutas). Este evento é considerado o marco inicial do longo processo de moldagem da mente humana pelo modelo mental linear ou cartesiano (aquele que privilegia o lado esquerdo do cérebro – racional, lógico, objetivo, repetitivo etc e subestima o lado direito - emoção, intuição, subjetividade, criatividade etc). Essa cultura patriarcal tem como principal característica a idéia de apropriação, compreendida como a vontade de poder e dominação do homem sobre si mesmo, sobre o outro, sobre a verdade e sobre a natureza. Foi a partir deste momento que o homem começou a se ver separado da natureza. Antes da cultura patriarcal havia uma cultura chamada matrística (não confundir com matriarcal), caracterizada pelo senso de participação, espiritualidade, interatividade, amorosidade, confiança e convivialidade – vivia altamente integrada com a natureza.

O modelo mental linear começou a ser sistematizado há 2.500 anos por Aristóteles, Parmênides, Platão e outros pensadores gregos, quando surgiu a ciência. Muito tempo depois, este modelo foi consolidado pela ciência moderna, durante o século XVII. Dentre seus formuladores, os que tiveram maior expressão foram o físico Isaac Newton e o filósofo René Descartes, os quais conceberam a idéia de que existia uma realidade única e objetiva, independente da nossa vontade (que provoca frases do tipo: “já estava assim quando eu cheguei” ou “as coisas são assim mesmo, desde que o mundo é mundo”). O universo, segundo estes pensadores, é uma máquina (daí o termo "mecanicismo" – paradigma newtoniano-cartesiano). Nessa mesma época, surgiram as correntes culturais que deram sustentação a esse paradigma e moldaram o funcionamento da sociedade moderna, entre elas a Revolução Industrial e Científica, o Iluminismo, o Renascimento e o Positivismo. E foi assim que a administração científica (Taylor e Fayol), em busca da eficiência do homem-máquina - o homo racional, montou o sistema produtivo da era industrial - como as pessoas deveriam se encaixar nas organizações: o chefe (que sabe) manda e controla e os “recursos humanos” (recurso não pensa) obedecem.

Para manter este modelo, o sistema educacional teve um caráter meramente adestrador e utilitarista, uma “educação bancária” como definiu Paulo Freire. Importante frisar que não se quer aqui desclassificar a ciência e os pensadores citados, que aliás foram notáveis em suas idéias e descobertas científicas, mas destacar a exaltação dada, ao longo de gerações, a um pensamento

binário, linear e fragmentado, um reducionismo que, mesmo tendo proporcionado grandes avanços tecnológicos, também trouxe enormes problemas para a humanidade.

Em meados do século XX, esse modelo hediondo culminou com a criação do sistema capitalista globalizado. O socialismo (ou o comunismo), se tivesse predominado, possivelmente redundaria em um capitalismo de Estado, porque também era amparado numa visão reducionista de mundo, na lógica binária que provavelmente geraria problemas tão ou mais graves que os atuais - basta lembrar dos cerca de 30 milhões que morreram de fome na China de Mao Tsé-tung, por volta de 1960. O fato é que, no fim do século XX, com o crescimento da economia, entramos na era do capital, fundamentada num sistema econômico totalmente desvirtuado do que propunha inicialmente Adam Smith - um liberalismo econômico alicerçado no equilíbrio entre a finanças movida pelo auto-interesse, de um lado, e o bem-estar social movido pela "mão invisível" do mercado (interações sociais - auto-organização), de outro. A primeira força sobrepujou a segunda, gerando o chamado darwinismo social - equivocada justificação biológica para o capitalismo, uma apropriação deturpada da idéia de "seleção natural" de Charles Darwin. Hoje o universo é um grande mercado (cosmovisão dominante) onde nós seres humanos fomos reduzidos a tubos de consumo e excreção - o homo economicus, muitos dos quais seres invisíveis - a grande maioria já considerada desnecessária ao sistema. Esse modelo é hediondo porque é excessivamente competitivo, excludente e predatório. Chegou-se ao ápice do modelo mental linear, ao ponto do filósofo norte-americano Francis Fukuyama declarar o fim da História. Realmente é o fim, mas parece ser o fim de uma longa história da cultura patriarcal, pois Gaia, o superorganismo vivo Terra batizado por James Lovelock, está chegando ao seu esgotamento e vem dando respostas convincentes à incoerência desse modelo. Como diz Leonardo Boff, continuar vivendo nesse paradigma é uma atitude genocida e ecocida.

Porém, nos últimos cem anos, concomitantemente aos fatos narrados acima, a ciência estava se reconstruindo. Surgia uma NOVA CIÊNCIA - TEORIAS DA COMPLEXIDADE. Embora grandes pensadores como Sócrates, Heráclito, Pitágoras e outros já houvessem intuído, as novas idéias de mundo começaram com Einstein (teoria da relatividade - partícula/onda), depois veio Heisenberg com o princípio da incerteza (física quântica - física das possibilidades), Watson e Crick que decifraram o código genético da vida (estrutura do DNA - informação) e, mais recentemente, Edward Lorenz (teoria do caos - atratores caóticos), Benoit Mandelbrot (teoria dos fractais), David Bohm (ordem implicada), René Thom (teoria das catástrofes), Lotfi Zadeh (lógica fuzzy), Amit Goswami (universo autoconsciente), o Nobel Ilya Prigogine (estruturas dissipativas), Humberto Maturana e Francisco Varela (autopoiese - biologia do amor), Leonardo Boff (teologia da libertação), Edgar Morin (unita multiplex - transdisciplinaridade), Pierre Lévy (cibercultura), Giles Deleuze, Rupert Sheldrake, Felix Guatari, Peter Burke, Lynn Margulis, Niklas Luhmann, Murray Gell-Mann, Alvin Toffler, Fritjof Capra, Jürgen Habermas, Pedro Demo e tantos outros que contribuíram para mostrar que o universo não é tão inerte e linear como se pensava. Contribuíram também para mostrar que não vivemos em um mundo dado (a idéia de que a realidade é objetiva e independente do observador - visão representacionista), e sim em mundo co-criado onde cada um de nós criamos (afetamos) a nossa realidade. Como bem disse Heisenberg, "o que observamos não é a natureza em si, mas a natureza exposta ao nosso método de questionamento".

Surgia assim o modelo mental complexo, que resulta do ABRAÇO entre o lado direito e esquerdo do cérebro, entre o linear e o holístico, o caos e a ordem - CAÓRDICO. Nas palavras do astrônomo James Jeans, "o curso do conhecimento está se movendo em direção a uma realidade não mecânica. O universo começa a se parecer mais com um grande pensamento do que com uma grande máquina". O universo, e tudo que há nele, é um sistema adaptativo complexo (aquilo que é tecido junto - padrão de redes), relacional, auto-organizante, instável e neguentrópico (negação da entropia - sistema aberto), portanto, em contínua evolução. Sua única constante é a mudança - verdade com o qual a cultura patriarcal, enraizada há milênios, tem uma enorme dificuldade de

conviver. Este modelo mental complexo seria então um resgate de padrões de comportamento daquela cultura matrística, uma tentativa de reintegração do homem consigo mesmo, com os seus semelhantes e com toda a natureza - uma conciliação entre ciência e espiritualidade.

O fato é que a humanidade está vivendo uma MUDANÇA DE ÉPOCA (mudança de paradigma, segundo o filósofo Thomas Kuhn), onde duas grandes correntes de pensamento estão competindo: a visão mecanicista e econômica em declínio, de um lado, e a visão complexa e ecológica (que complementa a anterior sem excluí-la) em emergência, de outro. A física newtoniana, alicerce da ciência moderna, cede lugar à revolução quântica. Logo, percebe-se que a ciência está diante de uma profunda reformulação - o desenvolvimento de uma nova epistemologia. Além ciência, alguns eventos de escala planetária como a internet, a economia integrada e a globalização, apesar dos seus males, acabam contribuindo naturalmente para surgimento de novos padrões de comportamento individual e coletivo. A sociedade do poder, hierarquizada, estratificada e autoritária, pouco a pouco, transmuta-se para a formação de uma nova sociedade em rede, como define o sociólogo espanhol Manuel Castells. Todos esses megaeventos constituem a atual mudança de paradigma civilizacional, na qual se acredita ser possível caminhar para a legitimação de um novo sistema econômico ou um novo socialismo, amparado numa visão complexa de mundo, capaz de superar a crise da civilização atual (essas mudanças globais talvez sejam uma manifestação da "mão invisível" defendida por Adam Smith).

Em termos de mudança na área de administração, os exemplos mais expressivos talvez sejam as “Organizações de Aprendizagem - Empresa Viva” de Peter Senge e Arie de Geus e os novos paradigmas da administração de inovadores como Charles Handy, Peter Drucker e Tom Peters. Mudanças na forma de administrar que estão pondo um fim à era do "comando e controle". Na área de educação, há uma necessidade de se buscar uma pedagogia transdisciplinar, libertadora e inclusiva, inspirada nas idéias de pensadores como Paulo Freire, Edgar Morin e Ivan Illich. Em termos de movimentos sociais, temos a turma de Porto Alegre que está tentando educar o pessoal de Davos, mostrando que “um outro mundo é possível” e, acrescento, urgente. Esta parece ser a megatendência: uma comunidade global, interdependente e com crescentes níveis de complexidade e diversidade.

Será que a consciência coletiva irá acompanhar este movimento (abandonar a obsessão por controle e estabilidade, por um modo de vida fundado na competitividade, na negação do outro, impregnado nas mentes há milênios pela cultura patriarcal) e passar a funcionar conforme a natureza, cooperativamente com a aceitação do outro?

Tenho esperanças! Importa então lembrar das sábias palavras do grande poeta William Blake: "possa Deus nos proteger da visão única e do sonho de Newton".

*“Não estamos definitivamente condenados a viver sob o autoritarismo e a hierarquia do patriarcado. Nossa propensão à servidão não é existencial e sim circunstancial (cultural). Se foi possível adquirir um modo de comportamento, é também possível modificá-lo. Isso não significa que conseguiremos fazê-lo, mas que se trata de uma escolha nossa. Cabe-nos decidir se queremos ou não continuar condicionados pelo modelo mental linear.”*  
Humberto Mariotti

\* O autor é graduado em Engenharia Civil e pós-graduado em Consultoria Organizacional pela Universidade Federal do Ceará - UFC, atualmente ocupando um cargo de Analista Judiciário – área administrativa no Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Home Page: <http://antoniosales.blogspot.com/> E-mail: [sales@tre-ce.gov.br](mailto:sales@tre-ce.gov.br).